

Editorial do *The Economist*: "Uma banana para o Brasil?"

(Trechos do editorial da revista inglesa sobre qual deve ser a reação dos bancos diante do calote brasileiro).

— Graças em grande parte à asfiantante incompetência de seu governo, o Brasil não é esse motor econômico que tão facilmente poderia ser. Ao invés disso, permanece a maior ameaça atual à estabilidade do sistema financeiro mundial. Em fevereiro, com sua taxa de inflação voando, e suas reservas estrangeiras esgotadas, ele parou de pagar juros da maior parte dos seus US\$ 110 bilhões de dívida externa. Desde então aprendeu que flertar com o calote não implica punições. No próximo mês, em novas negociações com seus banqueiros, ele vai apresentar mais um projeto para uma política de erros do passado e do presente, sustentado pela ameaça de uma extensão da moratória, ou algo pior. Já é tempo de

os banqueiros dizerem: nestes termos, não emprestamos."

"O sr. Luiz Carlos Bresser Pereira, o ministro da Fazenda do Brasil, diz que precisa de novos empréstimos de cerca de US\$ 4 bilhões neste ano e US\$ 3 bilhões em 1988 — com nenhuma margem de lucro para os bancos. Ele também quer uma prorrogação dos débitos existentes, cujo valor é cada vez mais ilusório, junto com uma taxa de juros baixa para reduzir o seu valor adicional previsto. Apesar disso, algo assim seria aceitável para os bancos se o governo do Brasil assinasse um acordo de ajuda eventual (*stand by*) com o Fundo Monetário Internacional — declarando, enfim, que isso é o começo para a compreensão de que uma recu-

peração permanente não pode acontecer até que renuncie às negligências fiscais, e aceitando, e cumprindo, um compromisso reconhecidamente mais fraco."

"Nos últimos meses, a economia brasileira demonstrou de novo que é capaz de gerar internamente a maioria dos recursos de que precisa para crescer — apesar do peso colocado por um governo obsessivamente intervencionista. Os números comerciais de julho registram o maior superávit já registrado em um mês: US\$ 1,4 bilhão. Neste ritmo, um superávit de mais de US\$ 8 bilhões parece al-

cançável para 1987 — um ano que começou com um déficit comercial. Isto é mais do que suficiente para o Brasil repor suas reservas e fazer um pagamento de 'boa vontade' de cerca de US\$ 400 milhões aos juros da dívida que está retendo, como os bancos têm pedido."

"O tipo de profilaxia em uma economia hiperinflacionada não merece subsídios de bancos estrangeiros. O maior favor que os credores podem fazer aos brasileiros (em oposição ao seu

governo) é usar o seu novo poder de barganha para insistir que uma melhor administração da economia é a sua condição para a flexibilidade nas futuras negociações da dívida. Isso quase certamente significa um acordo com o FMI. Se, com a ajuda de tal pressão, o setor privado brasileiro pode afrouxar algumas de suas algemas, o país é capaz de um renascimento econômico que le-

varia banqueiros e outros investidores a emprestar novamente a ele — mas desta vez para financiar empresas que produzem dinheiro, e não para sustentar um estilo de governo que só sabe como gastar."